

Projeções de juros futuros e dólar fecham em queda

Analistas financeiros esperam fazer hoje um balanço melhor dos resultados do pacote fiscal

• Assim como as bolsas de valores, o mercado futuro de juros não teve volume financeiro para dar um sinal mais evidente de aprovação do ajuste fiscal. As projeções para o DI (taxa que remunera os empréstimos entre instituições financeiras) caíram, mas como na última sexta-feira permaneceram acima da Taxa Básica do Banco Central (TBC), de 3,05%. Isso seria indicativo de que os operadores não acreditam na queda significativa das taxas antes do início de 1998.

Mas os analistas mais prudentes acreditam que ontem o mercado se debruçou sobre as medidas e somente hoje será possível uma leitura mais clara da reação dos mercados. Prova disso é que ontem na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F) foram negociados 35 mil contratos de DI futuro. Na sexta-feira, quando as taxas voltaram a disparar, o número chegou a 67 mil contratos.

— O movimento caiu pela metade e sem liquidez fica difícil identificar uma tendência forte do mercado — disse o operador de juros de um grande banco de atacado do Rio.

Juros ficaram próximos a Tban, a mais alta taxa oficial

Os números, de qualquer forma, são bons. A taxa estimada para o DI neste mês ficou em 2,41% contra os 2,68% registrados na sexta-feira. As projeções para dezembro ficaram em 3,25% contra 3,4% do fechamento anterior. O número praticamente encosta na Tban, taxa que remunera os empréstimos do redesconto do BC e considerada o teto dos juros básicos brasileiros. Já as projeções para janeiro fecharam a 3,18%.

— A queda dos juros vai depender muito mais do cenário internacional. O ajuste fiscal é um sinal de que o Governo quer reduzir as taxas, mas isso será difícil no curto prazo — diz Roberto Bernardo, sócio da IP-Gap.

Se os juros não cederam como o Governo esperava, não se pode

dizer o mesmo do dólar. O comercial caiu dos R\$ 1,1082 de sexta-feira — quando o BC precisou fazer três leilões de venda para mantê-lo abaixo do teto da minibanda (R\$ 1,1085) — para R\$ 1,1052. E não foi necessária nenhuma intervenção do BC.

No mercado futuro, os preços também cederam. A correção cambial estimada para novembro ficou 1,39% ontem — na sexta-feira, a variação chegara a 1,85%. Os contratos de janeiro (que consideram a variação em dezembro) embutem valorização de 1,4% da moeda americana contra 1,48% do fechamento anterior.

C-bonds abriram em alta, mas caíram ao longo do dia

No mercado internacional, os títulos da dívida externa brasileira chegaram a ensaiar uma reação, mas não resistiram ao aumento dos juros na Rússia e a uma certa falta de liquidez. Os C-bonds (papéis brasileiros de maior liquidez) chegaram a ser cotados a US\$ 0,74 por dólar emitido na abertura do mercado em Londres. Os papéis encerraram o dia, contudo, a US\$ 0,6950 — ligeiramente abaixo do fechamento da última sexta-feira (US\$ 0,70).

— Os investidores gostaram das medidas, mas ainda têm dúvidas sobre a implementação. Além disso, o mercado internacional não ajudou muito o desempenho dos *bradies* — disse João Brito, analista de mercado internacional do Banco Bozano, Simonsen.

Hoje o Banco Central tentará pela terceira vez desde o início da crise vender títulos prefixados. Serão ofertados 2,5 bilhões de Letras do Tesouro Nacional com prazo de 81 dias, numa tentativa de encurtar o vencimento para diminuir a curva dos juros. Além disso, serão oferecidos 500 milhões de LTN de 170 dias e outras 500 milhões em Notas do Tesouro Nacional (NTN-D) com correção cambial e prazo de três anos. ■